This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

~~332 F. 7~~

~~[illegible] A 1~~

Vet. Port. III A. 72

VOZES DO ERMO

MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO

VOZES DO ERMO

COM UMA CARTA-PROLOGO

DO SR. CONSELHEIRO

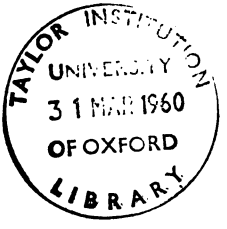
LATINO COELHO

Rêve d'une nuit d'été ma fantasque chanson est sans but.

HEINE.

LISBOA
LIVRARIA EDITORA DE MATTOS MOREIRA & C.ª
68—Praça de D. Pedro—68
1876

A propriedade d'esta obra pertence ao sr. Henrique d'Araujo Godinho Tavares, subdito brazileiro.



Typ. Editora, Praça de D. Pedro 67

Minha senhora

Dignou-se V. Ex.ª de fazer-me a honra insigne de me eleger por seu primeiro leitor, ministrando-me antes do que ao publico o ensejo de conhecer e admirar as inspiradas e formosas composições d'este seu novo livro de poesias.

E porque eu não podessse gloriar-me de haver tido tão invejavel privilegio sem que solvesse alguma penalidade por ter antegostado os seus mimosos versos, impoz-me V. Ex.ª como leve penitencia o communicar-lhe eu o meu parecer ácerca d'elles.

Não vá V. Ex.ª ter na conta de desprimor que eu chame penitencia a obrigação de proferir sentença em assumpto de tão delicada responsabilidade.

Se me é gratissimo escrever palavras de sincera e cordial admiração pelo bello talento de V. Ex.ª, não posso facilmente accommodar-me com a ideia de que haja um tal ou qual resaibo de vaidade e sufficiencia em me fazer eu juiz de meritos alheios, e mais sendo meritos de dama, e de dama tão privilegiadamente assignalada já nas lettras patrias como um dos seus mais graciosos ornamentos.

Ainda que o talento como superior á natureza physica, não tenha litterariamente nenhuma differença, ou illumine a fronte serena de uma senhora ou ennobreça o altivo entendimento de um homem, ou se chame Sapho ou Anacreonte, Stael ou Chateaubriand, sempre no esman e criticar as obras d'uma dama, oppõe a galanteria maiores limitações á liberdade. E tão arduo é sempre o de-

cidir pleitos feminis, que nem o proprio Páris, empenhando-se por ser imparcial, logrou sair-se bem de tão perigosa judicatura.

Felizmente, porém, apesar do recato e receio, com que aventuro o meu conceito ácerca dos seus versos, minha senhora, por ser quasi sobranceria julgar engenhos tão peregrinos, como o seu, uma propicia circumstancia torna menos pesado e espinhoso o meu officio de julgador.

Favoreceu-me o acaso, ou antes o talento de V. Ex.ª, dando-me a ler e saborear paginas onde ha só formosuras, e não senões, onde não ha que cegar hervas humildes e agrestes para que possam viçar desafogadas as flores mais fragrantes e mimosas.

Agora caí sem o pensar n'um dos contras, que tem o officio de censor, quando o applauso se dirige a uma senhora.

Os grandes espiritos como o de V. Ex.ª, são menos avidos de louvor que sequiosos de verdade.

A si proprios se aquilatam e avaliam.

As pedrarias e as perolas que possuem no seu thesouro intellectual, não julgam que melhorem de estimação e de valor por que as lapidou o encarecimento ou a lisonja as encastoou.

Ahi vae pois V. Ex.ª com a superioridade, ia eu dizendo varonil, direi antes feminil, do seu talento (porque me parece serem as escriptoras menos propensas á vaidade que os seus collegas do outro sexo) ahi vae V. Ex.ª colher-me em *flagrante* de imaginada adulação.

Dirá talvez, que ao escrever estas phrases de justissimo louvor, colloquei no primeiro plano a dama, e arredei um pouco para o fundo do painel a poetisa e a pensadora.

Pois com a mão na consciencia lhe declaro que a leitura dos seus versos me confirmou, se por ventura era possivel e necessario, no conceito que formara, quando V. Ex.ª, na sua alvorada litteraria, me recitou ainda ineditos alguns cantos do seu primeiro poema, accrescen-

tando á grandeza do pensamento e á gentileza da fórma poetica, o encanto da sua voz e do seu enthusiasmo ao declamar com admiravel modulação e inimitavel sentimento, as suas bellissimas estrophes.

Já vão decorridos alguns annos.

A inspiração a mesma; o mesmo talento, nem podia haver quebra nem accrescimo.

É o talento um privilegio (em nome de egualdade democratica, chamar-lhe-hia eu iniquo e odioso, se V. Ex.ª não tivera tambem parte na excepção) é o talento um dom natural e espontaneo, que se pode polir e aprimorar, porém nunca produzir, segundo processos artificiaes, nas estufas da mais perfeita educação e cultura intellectual.

O que é na aurora, é no meio dia e no occaso. O que é na primavera, logo ao despontar da primeira flôr, é tambem no outono e no inverno.

Quando V. Ex.ª ouvir dizer que um poeta, um artista, um escriptor, era na primeira adolescencia de engenho bôto e rebelde á inspiração, e que depois se lhe adelgaçou o entendimento e tomou o seu logar na primeira plana dos talentos, duvide-me V. Ex.ª d'este caso miraculoso.

O estudo, o trabalho, a perseverança, o esforço, a energica vontade, podem ás vezes simular a originalidade e o talento; mas se aprofundamos a questão, veremos que é apenas correcta mediocridade o que se nos affigurara genial inspiração e altesa de entendimento.

Já adivinha pois V. Ex.ª que nos seus versos novos não se me podia deparar nenhum progresso, no que pertence á natureza, na arte haverá por ventura melhoria, porque se acaso pode haver aperfeiçoamento em quem nasceu fadada poetisa e escriptora, o exercicio de escrever, a continuação do lêr e meditar, deveria produzir os seus effeitos necessarios.

O primeiro esboceto de Phidias ou Miguel Angelo haveria de ser tão indicativo do genio no estatuario como a sublime concepção artistica da *Athenè Parthenos* ou do *Moysés*.

O elemento esthetico seria invariavel no espirito de ambos os grandes imaginarios.

A *technica* do esculptor haveria de lucrar com a frequencia do esculpir e cinzelar.

São em verdade admiraveis os versos colligidos n'este seu novo florilegio.

E admira como haja tanto viço e formosura, n'uma epocha e n'um paiz, onde a apotheose da vida material, e a glorificação do egoismo mercantil faz cada dia mais proselytos.

Admira, principalmente, que haja tão fino e tão delicado sentimento em versos portuguezes d'este tempo quando a poesia, esquecendo que o ideal é a sua propria essencia, proclama o *realismo*, quer dizer, a brutesa da vida material como a forma exclusiva do pensamento, e desconhecendo a distincção fundamental entre a arte e o officio, entre o *bello* e o *util*, quer attribuir á poesia um fim mundano, convertendo o estro e a imaginação em instrumentos de propaganda partidaria, e não de espiritual e serena deleitação.

Eu tenho n'este ponto opiniões de todo o ponto contrapostas ás que vejo agora predominantes.

Por uma apparente contradicção ou paradoxo, em quanto politicamente mais antecipo no futuro, litterariamente volvo para o passado vistas saudosissimas.

As antigas formas sociaes cada vez me parecem mais incompativeis com os progressos da humanidade. Mas a arte e poesia antiga cada vez mais se confirmam no meu espirito, como a expressão mais nobre e verdadeira do *bello* e do immutavel.

O *realismo*, como de presente é moda o entendêl-o, confesso que não quadra á estreiteza do meu espirito nem ás minhas predilecções estheticas, fortalecidas pela minha educação litteraria.

Dar por assumpto á poesia o aspecto mais esqualido, repugnante, odioso da pobre humanidade, parece-me destoar d'aquelle simples e aprasivel naturalismo idealisado, em que eram mestres os vates da antiguidade.

Antes me quero com a monotonia bucolica de Boscan

e Garcilaso, direi mesmo com a quinta essencia dos conceitos marinistas e gongoricos, que são para a poesia como as perolas para o mollusco, uma esplendida enfermidade, do que com os exaggeros *realistas*, em que a poesia, por se fazer *espirito forte*, philosopha e darwnista, quando mais julga subir e requintar-se, vem roçar as azas no lodo terrestre e cair extenuada nos braços da prosa mais rasteira.

Eu quero a sciencia para os sabios, a philosophia para os que buscam a verdade, a idéa revolucionaria para os que representam perante as usurpações de agora os direitos do futuro. Mas quanto aos poetas, desejaria que cultivassem a arte.

O *bello* é o seu unico fim.

Para que hão-de cantar em seu logar o feio e o horrivel?

Que se diria de Polycleto ou de Thorwaldsen, se trasladassem para o bronze e para o marmore, não o ideal da formosura humana, senão o real dos achaques e deformidades mais desaprasiveis e lastimosas?

Que seria se em vez do Apollo de Belvedere, do Antinôo, do *doryphoro*, do *diadymeno*, a estatuaria nos representasse com toda a sua triste exactidão, um curso completo de pathologia cirurgica?

Eu quero os humoristas para rir dos vicios da humanidade, os philosophos para cogitar sobre os grandes problemas do ser e do infinito, os geometras para medir os ceus e pesar os astros, os tribunos para atalaiar a democracia contra as remettidas dos poderes tradicionaes, os revolucionarios para alhanar a senda ás futuras sociedades, mas o poeta quero-o antes de tudo para cantar.

Para estender e dissecar as miserias humanas na ampla mesa do amphitheatro anatomico, é mal escolhido o plectro por escalpello.

N'estas sombras espessas do materialismo contemporaneo deixemos irromper algum feixe de luz paradysiaca. Em meio dos maiores esplendores da civilisação moderna, a vida é triste, prosaica, desconsolada. É bem

que uma ou outra vez um cantico sentido, amoravel, consolador se faça ouvir entre o ruido da officina, do carril, da bolsa ou do mercado.

Ora para cantar, se não para rimar pamphletos de occasião, nem accommodar ao metro artigos de jornal, parece-me que não ha melhores poetas do que as mulheres.

Ser poeta é sentir, cantar, devanear. E quem melhor do que ellas, quando o talento as illumina, tem mais delicada sensibilidade, cantico mais doce, devaneio mais ideal?

Não poderão ellas urdir epopéas guerreiras e heroicas? mas a quadra das creações epicas é já passada com a infancia das sociedades.

Não saberão escrever poemas didacticos em que a versificação de cumplicidade com a sciencia, espremem succo de papoulas sobre as paginas geladas? Felizmente, o poema didactico fugiu envergonhado para o limbo, onde repousam o Acrosticho e os seus congeneres.

Mas ficar-lhe-ha livre, amplo, fecundissimo o terreno da poesia lyrica, da poesia subjectiva, d'aquella, em que o poeta se consubstancia com o poema, e em que o espirito se abraça em seu intimo consorcio com a natureza e a humanidade.

Ora a poesia lyrica é a unica possivel no estadío a que chegámos na longa transformação do pensar e do sentir.

E é para esta poesia de sentimento, de affecto, e de paixão, que o talento feminil vem mais de molde.

Eu quizera até nos meus sonhos de harmonia social e de divisão de trabalho litterario, que ás damas, a quem o destino privilegiou com o intenso lume intellectual, coubesse em monopolio a exploração inteira do Parnaso e da Hippocrene.

Os homens deveriam jogar na bolsa, agitar-se nos comicios, trovejar nos parlamentos: as mulheres teriam como os naturaes privilegios e immunidades do seu sexo, o officio exclusivo de nos deliciar a imaginação e o ouvido, assim como já com as suas graças e donaires andam na posse immemorial de encantar, mesmo

sem cithara nem alaude, a mais grosseira metade do genero humano.

O mytho grego, que muitas vezes nos parece pueril, como fabula absurda, é quasi sempre altamente racional como philosophia. Vejamos como a Grecia, que vestia sempre os seus conceitos mais ideaes e mais sublimes em graciosas figuras e personagens physicos, inventou as musas para terem á sua conta os negocios da inspiração e da poesia.

Deu a Apollo, o deus da luz, a suprema potestade nos dominios do entendimento. Mas quasi o igualou a um soberano constitucional; que, segundo a elegante mentira dos modernos publicistas, reina, porém não governa.

Circumdou-o de um conselho de ministros poeticos, que repartissem entre si as carteiras d'esta ideal administração.

E esses ministros julgaes que são semideuses, indigetes heroes de barbas na cara e de adaga á cinta? São mulheres delicadas, franzinas, graciosas.

Ellas governam em realidade a poesia. A ellas entregam os vates as suas petições na invocação dos seus poemas. A ellas buscam subornar com empenhos e valias. Apollo, o flavo nume, passou a ter na gerencia nominal dos assumptos litterarios uma verdadeira sinecura. Mais se entrega aos exercicios do arco (que por isso Homero lhe chama com singular antonomasia *ékebolos*, o que de longe fere) do que ao mister da litteratura.

Todas as presidencias dos demais negocios humanos confiou a mythologia hellenica a deuses masculinos. Mas a lyra e o *tetrachordon* só os fiou de mãos rosadas, nervosas, delicadas, femininas.

É que o cantar é sempre mais ameno e grato em voz de mulher que em timbre de varão.

Quem, por exemplo, senão v. ex.ª, porque é senhora e inspirada, poderia ter escripto aquelles versos tão sentidos e mimosos que tem por titulo *Quadro simples*, aquella festa da aldêa, cujas alegrias são anuveadas pela melancolica paixão da pobre campesina?

Quem senão v. ex.ª podera haver traçado aquellas estrophes consoladoras, que se intitulam *Confidencias*?

Quem aquella aprasivel e serena paisagem que tem por epigraphe *O Campo*?

E se buscamos exemplares da mais sublime lyrica, que estro de poeta adejaria a maior altura do que v. ex.ª, minha senhora, n'aquella magestosa poesia em que nos celebrou as glorias e carpiu as humilhações da França,

A patria dos heroes, a scismadora enorme
Que ao mundo fascinou com a fulgida epopéa
Vestal que sempre vela, em quanto o mundo dorme,
No templo, onde se adora a sacrosanta Idéa.

Ponho aqui ponto depois de *Idéa*, receoso de que ellas me vão minguando, no proseguir estas linhas e não menos temeroso de que em vez de registrarem as impressões de uma gratissima leitura degenerem n'algum d'aquelles eruditos juizos, com que os pesados padres mestres e definidores, por mandado do santo officio e do ordinario, exhumavam a classica antiguidade, desde Hesiodo até Claudiano, para os immolarem em honra do poeta, officialmente criticado.

V. ex.ª não carece de maiores e mais emphaticos pregões para a sua gloria, que está já seguramente conquistada, sem que seja mister corroboral-a com a auctoridade de Aristoteles ou de Horacio *ad Pisones*.

Dispenso-me pois de mais alargar a carta, e continuo fazendo votos de que um tão esplendido talento como o de v. ex.ª me dê novas demonstrações para o meu theorema predilecto de que sómente as damas sabem sentir e poetar.

Permitta-me v. ex.ª que lhe beije reverente a mão e tenha a honra de me subscrever com a maior veneração

De v. ex.ª

O mais humilde e fiel captivo

J. M. Latino Coelho

A minha irmã

MARIA DO CARMO VAZ DE CARVALHO

Estes versos são teus! são d'um passado extincto
a vaga emanação, o indefinido aroma;
são a essencia subtil de quanto eu já não sinto
que deponho a teus pés em rustica redoma.

Ao lêl-os pensa em mim! no campo, nas ruinas
onde crescemos sós, sob o materno olhar;
nos passeios communs, nas flóridas campinas,
dos vinte annos gentis no louco devaneiar!

Tu eras a malicia, a graça, a petulancia;
eu scismava embebida em vago e doce enleio.
Tu amavas o bem, a desventura, a infancia...
eu tinha o amor do Bello a perfurmar-me o seio.

Suave inspiradora aos cantos meus risonhos;
musa de olhos de fogo, indomita creança,
tu prestavas-me a luz purpurea dos teus sonhos...
a luz que se apagou como se apaga a esp'rança.

Quando agora, ao clarão da lampada que affaga
o tranquillo dormir á tua flor do ceu,
sentires levantar-se em ti, plangente e vaga,
aquella triste voz que exhala o que morreu,

evoca ó minh'irmã, n'um ideal scenario
da nossa mocidade, a ephemera visão,
e, como quem desfia as contas d'um rosario,
passa um por um na mente os dias que lá vão.

E depois pede a Deus que a rosa pequenina
de quem tu és a luz, o orvalho, a primavera
jámais se prenda a ouvir a musica divina
com que nos tenta e illude o Sonho, a vã Chimera!

PRIMEIRA PARTE

O SONHO E A REALIDADE

POEMETO

PRIMEIRA PARTE

O SONHO E A REALIDADE

POEMETO

I

O baile

Era a noite em que a loucura,
os seus guizos agitava;
refervia, como a lava,
o prazer nos corações.
Bate a febre nas arterias,
e abrasado o sangue gyra;
cada peito, ignota lyra,
pulsa em doidas vibrações.

Eram risos, eram flores,
e diluvios de harmonia;
era a dansa que inebria
no phrenetico voltear;

eram chammas tentadoras
no volver d'uns olhos vivos;
eram rostos pensativos
a pender e a descorar!

E os desejos mais subtis,
e os perfumes mais aerios
a dizerem seus mysterios
aos virgineos corações;
que sem força, deslumbrados
ao clarão de vã miragem,
lá se prendem na engrenagem
das indomitas paixões!

A vertigem doidejante
que fascina, prende, arrasta,
ao sorrir da virgem casta
rouba a santa candidez;
e o formoso bando aerio,
que se inclina sobre o abysmo,
nem tem medo ao magnetismo
que lhe prende os niveos pés.

Era o baile, era o delirio,
era a festa voluptuosa
que desbota a cada rosa
o seu pudico rubor,
que os encantos lhe desnuda
que ella deve ter occultos,
que transforma santos cultos
em lascivo e bruto amor!

E lá fóra a luz da lua,
a espreitar nos arvoredos,
illumina os grupos ledos
que se perdem no jardim.
E as estatuas ouvem mudas
meigas fallas feiticeiras
sob um veu de trepadeiras,
entre moitas de alecrim.

Em torrentes que entorpecem
verte a flor os seus perfumes,
brilham vividos os lumes,
reverberam mil crystaes,
e desenha a walsa infrene
como em jogo de serpentes
nos salões resplandecentes
os seus circulos fataes.

Entre os grupos gentis de aerias fadas
que se vestem de rendas e diamantes,
que vertem mel das boccas perfumadas
e delirios dos olhos rutilantes,
uma só, que é formosa d'entre todas
arrebata, fascina, prende a vista!

São-lhe homenagens, feudo, que ella acceita,
todos os corações, facil conquista.

É fragil como flôr que um sopro offende,
é vaporosa como a doce ondina,
que ao saudoso clarão da lua cheia

debruçada na fonte se penteia
ao liso espelho d'agua crystallina.

Sobre a azul morbidez dos olhos bellos,
grandes, profundos, são divino enfeite
os doirados anneis dos seus cabellòs
que um rosto lhe emmolduram côr de leite.

A bocca é rosea flôr que se entreabria
ao lascivo beijar da madrugada,
que tem sêde, que o orvalho não sacia
e que palpita sofrega e corada.

As mãos d'uma rainha; a fronte altiva,
languido riso, desmaiada tez;
ás vezes séria, absorta, pensativa,
a reflectir-lhe o olhar, o extranho pasmo,
de quem sonha co'o ceu e o vio... talvez!

Outras vezes a rir-lhe despiedoso,
nos frescos labios o cruel sarcasmo.

Logo depois ao impulso caprichoso
da inconstancia que a rege e que a domina
resuscitando á sua voz divina
nos mortos corações a morta fé;
e ao tocar co'a varinha feiticeira
nos rochedos sem galas nem verdores
por entre as pedras desabrocham flôres
que ella indiff'rente esmagará co'o pé!

Enigma eterno! feminil Proteo
que fascina, endoidece e desespera!
Mulher, demonio, fada, anjo do ceu!
Creança ás vezes, e outras vezes... fera.

Quando Deus a fadára tão formosa
depoz-lhe um sceptro na pequena mão,
e ella risonha, esquiva, caprichosa,
dominadora sempre, nem sabia
que da mulher o celestial condão
não é ter por vassallo o mundo inteiro,
não é ser bella e altiva e moça e rica...

É deixar-se immolar, manso cordeiro,
e bemdizer o algoz que a sacrifica.

Isabel se chamava a feiticeira,
e mais harmoniosa ainda que o nome
soava a sua voz pura e fagueira.

Não longe da rainha dos salões
era Fernando, o bello adolescente,
que extasiado a contempla e n'alma sente
do ciume os revoltos temporaes.

Fernando vira a pallida Isabel
e prendera-se-lhe a alma pura e crente
em ferreo annel dos seus grilhões fataes.

Elle tem olhos castanhos,
lisa testa de marfim,

finos cabellos escuros,
bocca de puro carmim.

Tem as doiradas chimeras,
enfeite dos poucos annos,
quando a vida é toda enganos
e todo risos o amar!
quando com falsos feitiços
a mulher vos enamora,
quando orvalha cada aurora
as rosas do vosso altar.

Tem inda a ideal frescura
da flôr que á luz matutina
brota em risonho jardim;
tem uma alma ingenua e pura
e a feminil formosura
de Desgrieux ou Cherubim.

E elle amava, mas não era
aquella doce ternura
serena, casta, innocente,
d'almas que o amor fez irmãs,
e que o amor casou nos ceus,
que tem Deus por confidente
e os seus extasis divinos
cobrem de pudicos véus.

A paixão que elle sentia
ai! tinha fogo, abrazava!
em cada goso pungente

um volcão de accesa lava
que por dentro o consumia
e intimas flores crestava!

Era um sentir-se afundar
nos mais tremendos abysmos;
era uma angustia cruel
a exhaurir-se em paroxismos.

Um phrenetico delirio
contendo raiva e paixão,
uma delicia, um martyrio,
uma infernal tentação!

Um coração moço e crente
é como templo a que desce
o sôpro do eterno Deus
e ás harmonias da prece
reune o esplendor dos céus!

Mas se o trovão geme e estala,
se o corisco fende os ares,
e profana o sanctuario,
e prosta em terra os altares
com sacrilego fragor,
fica o templo solitario,
sem que em seu pó calcinado
brote ao menos tenra flôr!

E Fernando absorto e triste
perguntava ao coração

se acaso a ventura existe
n'este ermo em que tudo chora;
ou se é só branca visão
fugaz, aerea, divina,
como as que finge a neblina
quando inda não rompe a aurora.

Toldava-lhe o olhar profundo
não sei que magua sombria;
não sei que mortal desgosto,
soberbo occultava ao mundo
lucta acerba que se lia
nas contracções do seu rosto.

Venceu. Movido emfim de extranho impulso,
a sala atravessou.
Junto ao sophá onde Isabel repousa
o mancebo parou.

Um segredo... uma leve resistencia,
e a bella ergueu-se emfim...
Acolhe-os no recinto perfumado
o placido jardim.

II

Á sombra do jasmineiro

Era a hora mysteriosa
em que se fallam as flores,
e os idyllicos segredos
revelam dos seus amores.

Na rama dos arvoredos,
que agitam brisas do sul,
brilha a lua, a scismadora
do infinito espaço azul.

Tudo é silencio e mysterio.
Surgem, passam vagas sombras
pizando as verdes alfombras
do phantastico jardim;
accendem a luz phosphorica

os ligeiros vagalumes;
soltam calidos perfumes
o lyrio, a rosa, o jasmin.

E ao longe a musica esvae-se
em suspirar brando e vago
d'ineffavel morbidez,
suave, tremulo affago
que sobre as flores adeja
que as inebria... que as beija...
expíra... e acorda outra vez.

Isabel e Fernando a passo lento
vão pisando as umbrosas alamedas.
Ella visão que envolvem brancas sedas,
elle estatua de luto e soffrimento.

Ella ageitando maliciosa e fria
nos labios um sorrir de acre desdem;
adoravel, formosa, mas sombria,
anjo rebelde que do empyreo vem.

Elle tentando em vão fugir ao encanto
que o encadeia, que o prende, e que o fascina,
e a maldizer a sua horrivel sina
e altivo a soffrear jorros de pranto.

E ambos vão assentar-se mudos, serios,
sob o docel d'um jasmineiro em flor;
cantam-lhe as auras divinaes mysterios,
beija-os da lua o delicioso alvor.

—«Perdoa-me, Isabel! ha desvarios
no humano coração;
quero sondar do abysmo a profundeza
a que me impelle a tua branca mão!
Quero arrancar do peito esta tristeza,
quero encarar de face o meu destino,
que me subjuga a dôr... se a não domino!

Hasde ouvir-me! Eu pedi-te este momento.
A verdade bem sei tem gosto amargo,
hasde proval-o agora!
Acordaste-me emfim do meu lethargo;
eis-me á beira do meu cruel porvir!
Mulher, que nuvem negra encobre a aurora
que no ceu tão risonha vi fulgir?!

Um anno! um anno inteiro illuminado
de clarões infernaes,
de vigilias febris atormentado,
revolto por medonhos temporaes.
Um anno em que a teus pés submisso, escravo,
derramei da minh'alma a essencia pura!
um anno de pungentes sensações...
um anno de delirio e desventura.

Hoje, suspendo em meio da carreira
—vejo-lhe ao cabo o monstro da loucura—
hoje venho animoso interrogar-te;
attende-me Isabel,
escuta o som d'est'alma que se parte,
oh! não sejas cruel!

Pois não se exhala em mysticos effluvios,
uma voz que te implora e te aconselha
do arvoredo... dos astros... do jardim?

Estatua, não te abraza uma scentelha
d'este fogo que lavra dentro em mim?—»
.....
Ella arrancava distrahida e fria
as folhas assedadas d'um jasmim.

—«Meu Deus! meu Deus! o impossivel!
Não saber eu convencel-a!
Vel-a assim muda, insensivel,
tão despiedosa e tão bella!

Eu disse-te loucuras! filha, escuta!...
ameaçei-te quasi!... que disse eu?
bem vês, succumbo á lucta,
d'esta implacavel dôr affoga-me o escarceu!

Eu já fui bem feliz:—lembra-me ainda
d'uma quadra risonha que passou.
Dentro em minh'alma era uma esp'rança infinda!
e hoje... Senhor, Senhor, hoje onde estou?

Embora! não, não maldigo
o momento em que eu te vi!
ou seja gloria ou castigo,
alenta-me o phrenesi
com que te adoro e te chamo
d'entre os clarões d'este inferno!

Se soubesses como eu te amo,
que prazer divino e terno
é sentir-se amada assim,
renegavas a mentira,
despias os falsos veus!
. . . . . .
Chorae por ella e por mim
anjos que a vedes dos ceus!

Escuta-me inda um momento:
aqui perdidos e sós
ante a immensa natureza,
que derrama sobre nós
as urnas de seus perfumes,
os soes da sua lindeza,
e esse fluido electrisante
que dos ceus azues goteja,
e a luz das lucidas flores
com que a noite se estrelleja!
d'este mundo de esplendores,
onde o amor habita e é rei,
ante a voluptuosa magia
falla-me, anjo dos meus sonhos,
amas-me? dize...
—«Não sei
nem que soubesse o diria.

Deixae-me ser borboleta,
pousar em todas as flores;
quero ser livre, sem meta,
não quero prisão de amores!

Depois eu sou caprichosa,
foi Deus quem me fez assim!
deixae-me ser borboleta,
já que o mundo me é jardim!» —

—«Mas que demonio fatal
te impelliu? porque mentiste
quando tão meiga e tão triste
acolheste a confidencia
do meu affecto immortal?» —

— «Nem sempre conta a existencia
horas de ventura igual!
Ao riso seguem-se os prantos,
aos gelos a primavera,
á bonança o vendaval!

Mas Fernando, eu sou sincera!
mudo... não sei porque mudo!
mentir não minto, isso não!
Busco e sacia-me tudo,
só o impossivel me encanta,
só n'elle existe a attracção
que me chama e que me arrasta!

Estranha contradicção
d'alma inda moça e já gasta!

Que vezes aos sons da festa,
farta de bulha e prazer,
dobro a fronte e absorta scismo;
e aos fundos antros do abysmo
vae-me o espirito insaciavel
vedadas flores colher!

Mostrei-me qual sou, bem vedes,
toda fogo e inconsequencia!
o irritante ardor das sêdes
que me abrasam, não m'o acalma
do vosso affecto a innocencia!

É outra a vossa missão;
outro destino vos chama
mais invejavel, mais bello!
Poeta, as furias de Othelo
e os gestos de melodrama
não dizem bem co'a doçura
d'esse olhar puro e fulgente!

Porque não roubaes da gloria
ao sacrario resplendente
os encantados thesouros?

Se nos não engana a historia,
as musas não são crueis,

e em finos cabellos louros
quadram bem verdes laureis!

O mais que hoje vos namora
é sonho e sonho impossivel!
que ingrata me achaes agora,
não é assim?»
— «Acho-te horrivel.» —

III

El salice

Pouco depois soava aerio canto
da vasta sala no odoroso ambiente.
Meigo suspiro que se affoga em pranto
humilde queixa d'alma pura e crente,

direis ser aquella voz do empyreo,
tão perfumada em sentimentos bons.
Era Isabel o branco, o airoso lyrio
que em vez de aroma exhala ethereos sons.

E meiga e triste, qual pendida anemona,
que em sopro agreste derrubara o vento,
conta-nos ella da ideal Desdemona
o doce, o casto, o derradeiro alento.

Que magos trilos, n'essa voz que chora!
Que dôr tão funda n'esse amor insano!
sob a tez lisa que a paixão descora
ruge e se alteia das paixões o Oceano!

E do piano os divinaes segredos
casam-se ao canto da formosa diva,
que arranca ás teclas com seus niveos dedos
soluços doidos d'uma angustia viva!

IV

Tentação

Ai! se tu conhecer queres
como se abriga a mentira
sob a candidez d'um rosto,
e como ao pé dos prazeres,
que invejosa a mente admira,
existe a magua e o desgosto,
para contraste á doçura
d'essa ineffavel canção,
se te punge a desventura,
vem d'uma alma que padece
escutar a confissão,
lamento, blasfemia e prece,
queixa, arrulho, e maldição!

Perto da sala onde sôa
d'Isabel a meiga voz
dois homens estão fallando
em voz baixa, absortos, sós!

Um d'elles, olha, é Fernando.

Não sei que nome o outro tem.
Sei que esse vulto sombrio
sempre o encontra quem é moço
á beira do horrendo fosso
negro, fundo, arido e frio
onde, sem Deus e sem fé,
ri com riso infame o vicio!

Sei que esse espirito audaz,
se acaso resvala um pé
na aresta do precipicio
a quem foi co'o olhar medil-o,
com gesto de Satanaz
para dentro o impelle e fica,
mais risonho e mais tranquillo!

Vario embora na eloquencia
ou na forma, ou na intenção,
é sempre o mesmo na essencia
e o seu nome é
Tentação!

—«Amigo, dizes bem; oh! quem pudéra
apagar na minha alma aquella imagem!
mas ai! não posso não!
Ó minha branca flôr da primavera!
Ó minha casta e celestial visão!
porque se abre entre nós funda voragem,
e se tento alcançar-te é sempre em vão?!

Por ella deixei tudo... bem distante,
em ninho festival d'ethereas flores,
tenho um pae que me chora a cada instante,
tenho uma irmã transumpto dos amores
que não são d'este mundo!
E os meus campos, e o valle, e o cerro, e os montes,
e o meu céu tão sereno e tão profundo!
e os meus illimitados horisontes;
e bem vês! eis-me aqui!

Ninguem me arranca ao pezadelo enorme
em que os dias e as noites consummi.

Decidiu-se hoje tudo. O fel da taça
traguei-o no meu horto.
Não tem nenhum remedio esta desgraça
fallo... mas estou morto.
Matou-me essa mulher que eu tanto amei!

Se por ventura entendes esta angustia
Ensina-me a vingar-me... que eu não sei!

Deus! não existe, não, é falsa e mente
essa voz que soou dentro em meu peito
e que eu julguei de Deus revelação.
Pois que lhe tinha eu feito?

Se elle não poupa a fronte do innocente,
ou não é justo, ou não existe, não!

Escuta!... olha, não ouves
aquella voz tão pura que parece
a maga vibração d'ignota lyra,
ou timido arrulhar d'intima prece?
quem pensará que ali tudo é mentira?!

Oh! vingança, vem tu,
derramar teu veneno que lacera
n'este meu peito nú.

Ensina-me os segredos que tu dizes
em negras horas de infernal martyrio
a tantos infelizes,
esmagados como eu pela impia sorte!
ou cura-me, ou recresce o meu delirio,
ou dá-me o esquecimento, ou dá-me a morte!»—

—Tiras famosa vingança,
se ella suspeita o quebranto
em que te poz seu desdem!
Poeta, és uma creança!

nem tu sabes que as mulheres
são domadas como as feras
por força, e astucia tambem!
Idealisaste prazeres,
sonhaste roseas chymeras,
e hoje choras!... muito bem!
Ergue-te forte, se a queres
submissa, escrava a teus pés!
são covardes as mulheres
porque são fracas... bem vês.

Não sei que feroz delicia,
que irritante commoção
bebem com sofrego enlevo
nos tormentos que nos dão!

Fernando, olha, o mundo é triste!
são sonhos o amor e a gloria,
estulto orgulho a virtude!
Se acaso a ventura existe
(que o não affirmo) é sómente
na fria paz do athaude.

Mas quem sente esvair n'alma
o alento que lhe deu vida,
quem viu mirrar-se-lhe a palma
que outr'ora sonhou florida!
quem traz a esperança perdida
e em lethargo o pensamento,
não lucta, que é lucta ingloria,
mas busca do esquecimento

a mortalha parda e fria,
e affoga a dôr que o lacera
nas ondas lethaes da orgia.—»

—«Mas eu quero morrer!
Se eu morresse, vingava-me... esquecer
não é vingança e é mais cruel que a morte!
é morrer pouco a pouco;
é transigir com a sorte,
é pôr no rosto a mascara d'um louco.
.....
Nunca se esquece um coração que é fórte!

E o moço a fronte pallida
deixou pender na mão.

Ao longe, de Isabel o canto angelico
sôa arrobado em mystica paixão.

Fernando inda é tão moço!... tem vinte annos
e inda a innocencia a coroar-lhe a fronte
com seu diadema de ouro refulgente,
que nem mareia o fel dos desenganos.

Su'alma é molle cera onde se estampa
sello, que mão boa ou fatal lhe imprime;
d'um lado abre-lhe a negra senda o crime,
d'outro lado sorri-lhe a paz e a campa!

E elle assenta-se, lasso peregrino,
na pedra que separa os dois caminhos;

rasgam-lhe os pés as silvas e os espinhos,
e a fé vacilla, e perde a força e o tino.

Não n'o accuseis, se ouvindo o som maldito
da voz que lhe colora ignotos prismas,
se deixa embevecer por vãos sophismas,
e cala da consciencia o eterno grito!

Não n'o accuseis! o vento das paixões
derruba e prostra a fragil mocidade,
resiste o roble altivo á tempestade,
e não resiste a flor ás virações.

E Fernando era flor tenra e mimosa,
coração feminino e apaixonado
entre mimos e affagos emballado
em bonançoso mar de leite e rosa.
Anjo qual a mulher com louco ardor
o phantasia á luz dos seus desejos!
Fronte divina que descoram beijos,
olhos que choram lagrimas de amor!

E o tentador continua
a rir-se com riso horrendo.

—«Bem, tu queres morrer, e eu comprehendo
a veleidade tua.
Outro qualquer seccava-te em conselhos
que não vencem ninguem;
eu deixo essa mania para os velhos...

Consagrei sempre o mais cabal desdem
a tudo que é vulgar!
Approvo quanto odeia a gente séria,
sei todos os caprichos respeitar.

Morre, pois, mas não morras sem vingança,
não morras como timida creança
que se atira ao regaço frio da morte,
porque tem medo dos baldões da sorte!

Busca o suicidio lento que os prazeres
corôam d'ignea luz,
cospe na face a todas as mulheres
a peçonha com que uma
hoje envenena a tua ferrea cruz!

Que ante a grandeza tua o rosto suma
de envergonhado o archanjo da maldade.
Os que imperam no mal tambem são reis,
muita vez ha no crime heroicidade,

ao que lhe calca aos pés absurdas leis
escravisa-se humilde a sociedade.

E não sei que mais disseram.
. . . . . .
Ao cabo de alguns instantes
juntos sahiram da sala!
Que pallido vae Fernando!

Em mimoso céu de opala,
que entre reflexos cambiantes
de indistincta luz se doira,
ia então surgindo a aurora.

Ó deusa formosa e loira,
rosada virgem do Oriente,
derrama os teus prantos... chora
n'essa fronte inda innocente!

V

A voz do abysmo

A sala era opulenta, era luxuosa;
mas no luxo sentia-se a desordem
do vicío, essa potencia caprichosa!

Crystaes da Bohemia, luzes, raras flores,
a transparente louça japoneza
adornada de excentricos lavores,
fructas vertendo uma subtil fragrancia,
as taças rendilhadas, e os licores
em profusão brilhavam sobre a meza
com fidalga e symetrica elegancia.

Moldurados espelhos de Veneza
e os esculpidos e severos moveis,

prodigios que inventára a Renascença,
a vista captivando em toda a parte.

Quadros de mestre, bronzes de Florença,
bustos de antiga e esculptural belleza;
todos os sonhos luminosos da arte,
ao pé das graças mil da natureza.

Eram sete os convivas junto á meza.

Seis homens moços, pallidos, fanados
da orgia nos tripudios infernaes,
e uma mulher, bacchante desgrenhada
que a fome arremessára aos tremedaes!

N'ella esplende a belleza voluptuosa
d'uma deusa do Olympo; os hombros nus,
modelados no marmore de rosa,
banhavam-se em torrentes de aurea luz.

O cabello, que lembra na desordem
a selvatica juba d'um leão,
envolve-a nas fulgentes espiraes,
serpentes que se enroscam, e que mordem
os mosaicos phantasticos do chão.

Relampeja-lhe em chispas infernaes
a malicia nos olhos verde mar,
onde ha trevas e ha luz que ninguem sonda,
porque todos tem medo á inquieta onda
que passa ás vezes no seu fundo olhar.

Os labios sensuaes lembram dois gômmos
de entre-aberta romã; e ha no seu riso
lampejos d'um vedado paraizo,
onde medram lethaes e extranhos pômos.

Do Bello e da Justiça ella escarnece!
ella que tem do archanjo despenhado
a tenebrosa e indomita altivez!
Não acredita em Deus, nunca uma prece
de sua alma no porto abandonado
veio ondular se quer uma só vez.

Mas é bella!... ha volupia, ha magnetismo
na felina indolencia do seu porte!
tem caricias de fera, e na pupilla,
que ás vezes se dilata e que scintilla,
entremostra-se um mysterioso abysmo
d'essas fataes delicias que dão morte!

Sómente falta á esplendida bacchante,
soberba estatua que deslumbra e cega,
de pampanos a c'rôa verdejante
e o fundo azul d'uma paisagem grega.

Dos mancebos o grupo deslumbrado
ouve a fallar em quanto acaricia
d'um punhalsinho o cabo cinzelado
pela habil mão d'um ignorado artista
É primor d'arte que lhe dera um dia
um seu apaixonado *orientalista*.

Paremos a escutar o que na sala
se ouve entre o som de mil risadas loucas,
que distillam de si fundo amargor.
E' venenoso o riso d'essas boccas
a que o vicio murchára a rosea flor.

—Fernando, que feitiços poderosos
soubeste dar á nossa altiva Aspasia?
Vês o olhar caricioso
com que ella te namora a furto e a mêdo?

Acautela-te, amigo.
Creio que um dia a mancenilha d'Asia,
ao vêr-lhe ao longe a fascinante imagem,
quiz revelar-lhe esse fatal segredo
com que mata os que vão buscar-lhe o abrigo
da perfumada e perfida folhagem!—

—Ai! quem me déra ser a mancenilha!
Tu sabes lá, meu louro adolescente
com geitos de D. Juan
e olhar que ás vezes resplandece e brilha
de jubilo innocente;
que finges uns sorrisos de Satan
e ainda tens compaixão para os que choram—
a delicia infernal com que eu matára
de louco amor as almas que me adoram!—

—Mata-me, pois, mulher! Sabes que aspiro
a todos os prazeres impossiveis,
violentos e selvagens!

Quizera amar-te, ó pallido vampiro;
esbrazear-me n'essa ignota chamma,
provar d'essa paixão que assim devora!

Fujo, mas é das candidas imagens
que me orvalharam a ridente aurora.
De ti não fujo! o teu olhar derrama
caudal de gozos que esta sede acalma;
tens a vaga attracção do sobre humano,
a vertigem fatal do precipicio,
e eu quero dar por tumulo á minha alma
o teu amor tão vasto como o Oceano.
Deificação esplendida do Vicio!—

Ella ouvia-o sorrindo, e mergulhando
nos olhos d'elle o seu profundo olhar,
e depois murmurou:—Olha, Fernando,
és bello, és moço, e eu não te quero amar!—

—«Descambas na elegia *poveretta*»—
um poeta satanico murmura,
remirando atravez da aurea luneta
da bachante a sinistra formosura.

E a tempestade dos risos,
que se acalmára um momento,
ergueu-se, como um lamento

se ergue do abysmo infernal.
Toda a sala arqueja e treme
no sinistro uivar da orgia,
na satanica alegria
d'esses seis pigmeus do mal!

E ella, a esphinge que assombra,
ella, a mulher marmorea e tentadora,
larva que vem do ignoto e vem da sombra,
irmã lasciva das ficções pagãs;
ella espalha de roda scismadora,
o olhar que a luz d'aureas palhetas borda,
e sonha haurindo a taça que trasborda,
nas caricias enormes dos titãs!

Dos homens que a loucura ali juntára
e que tem a loucura por seu ficto,
um só lhe lê o olhar na fulva chamma
a ambição audaciosa do infinito!

Ninguem lhe entende mais o ignoto drama
d'aquelle coração tão vil, tão grande,
que se arroja do charco á immunda lama
e que na luz, na immensa luz, se expande!

Fernando ergueu-se e foi sentar-se ao perto
da visão que o captiva deslumbrante,

como um idolo informe no deserto
captiva e prende o olhar do caminhante.

E pousou-lhe a mão branca e feminina
nos seus cabellos d'ouro,
que distillam fragrancias namoradas
e onde o olhar descortina uma luz fatua,
manto enredado pela mão das fadas
nos marmoreos contornos d'essa estatua!

Era um sonho de Phidias ou de Homero,
um não sei quê de casto no impudor!
Pousou-lhe o Bello o seu diadema austero,
consagra-os da belleza o resplendor.

—Eu amo-te, mulher! És bella, és pura!
que importa que as orgias te queimassem
os labíos de carmim!
É meu culto exclusivo a formosura,
amo-te mesmo assim!

A luz brinca, reflete-se, estremece
do teu corpo nas linhas serpentinas,
que modelou por suas mãos o Amor.
A luz beija-te as palpebras divinas,
toda te inunda e as auras matutinas
baloiçam-te de leve, ó loira flor!

Longe de mim as pudicas mulheres
e o casto olhar que mente e que devora.
Ao pé d'ella, que és tu candidez nescia?

Quando eu a vejo ri-me ao longe a Grecia,
a terra das visões que tinge a aurora.

E parece-me ver ao longe, ao longe...
n'uns horisontes vagos, roseos, bellos,
d'entre a espuma das vagas que fluctua,
erguer-se uma mulher robusta e nua,
mal envolta no véu dos seus cabellos.

Eu sou filho das eras voluptuosas
d'essa terra do olympico prazer!
Enche-me a taça, c'rôa-me de rosas,
Deusa, dá-me esse amor que faz morrer.

Quero afogar nos teus nervosos braços
a imagem divinal que eu trago aqui!
quero extinguir a vida em taes delirios,
que os demonios lhe bramem dcs espaços,
que eu monstro que ella fez—emfim morri!

Verte o fel venenoso do teu riso
no meu passado candido e feliz!
Ó formosa, ó phantastica bohemia,
escarnece o meu floreo paraizo!
Ensina-me a lançar a vil blasphemia
nas cans d'um velho pae que me maldiz,
de minha irmã nos seios virginaes
.....
.....
Assomára d'um velho o vulto austero
da porta do salão entre os humbraes.

Depois na indefinida e lugubre mudez
que nas crises precede o susto e a confusão,
só ella exclama a rir com cynica altivez:
Chega o Commendador! Levanta-te, D. João.
.....
.....

VI

A Redempção

Amanhecia. O campo era tranquillo,
como um placido somno de creança,
que, sob o olhar de Deus, piedosa e mansa
adormeceu nos braços maternaes.

Havia no ar emanações sadias,
que se exhalam das virides searas,
e as notas frescas, crystallinas, claras,
que soam nas orchestras matinaes.

Abria-se a arribana; os grandes bois
de andadura serena e magestosa,
iam na claridade cor de rosa
meigos e fortes, sob o fresco orvalho.

Reclamava-os a terra, a grande mãe
que lhes entrega os seus robustos flancos,
a mãe dos cedros e dos lyrios brancos,
a musa da saude e do trabalho.

Da abobada sonora das florestas
ergue-se ás vezes uma voz divina;
as flores tem uma alma pequenina
que vae fundir-se na Alma universal.

Ha preces na profunda natureza,
preces d'uma harmonia infinda e santa;
ha fremitos de amor em cada planta;
triumpha a luz da treva! o bem do mal!

Ao longe, os varios tons da perspectiva;
as multiplas verduras do arvoredo;
as cazas brancas espreitando a mêdo;
os contornos da agreste serrania.

Ao perto o zumbir vago dos ephemeros,
o alegre enxame das abelhas loiras,
e entre o lidar das trefegas lavoiras
as festivaes canções da cotovia.

N'esse fundo de purpura inflammada,
que inunda a grande tela do horisonte,
recorta a curva ondeante o altivo monte,
qual gigante que scisma absorto e só.

Lembrava a hora placida e indecisa,
lembrava o campo cultivado e ameno
uma doce paisagem de Loreno,
uma Aurora festiva de Corot.

Vês agora n'um concavo do Valle
essa casa pequena e tão discreta?
É como um niveo sonho de poeta,
que falla em paz, amor e casto enleio.

Ás vezes uma doce creatura
bianco vestita, vaporosa e bella,
assoma entre as cortinas da janella
c'um louro anginho sobre o lacteo seio.

Outras vezes, ás horas do sol posto,
sob os pampanos verdes, vê-se um velho,
lendo um livro, quem sabe se o Evangelho,
a eterna biblia, a inextinguivel Luz.

E entre elles dois um moço, um scismador
austero e manso, porque sonha e pensa.
Das cousas mudas a epopeia immensa
em cantos immortaes elle traduz.

É Fernando; não pasmes, minha irmã.
É o sonhador d'um Ideal mentido,
o fragil coração que foi vencido
nos acerbos combates da Paixão.

Hoje intrepido e forte elle ama a Vida!
Um pae susteve-o no cairel do abysmo.
Encontrou no amor puro, o seu baptismo
e encontrou no Trabalho
A Redempção!

SEGUNDA PARTE

BONINAS

SEGUNDA PARTE

BONINAS

Confidencias

(A MINHA MÃE)

A choupana do monte é de colmeiro;
tem uma vide á porta
tem ao lado uma sebe d'espinheiro
e um pequenino chão tractado de horta.

Vieram-me chamar um dia d'estes
para uma pobre mãe,
que ia morrer ali, sem lhe valer ninguem.

Fui. Havia no campo uma doçura immensa.
Era a hora suave em que esmorece o dia
e em nossa alma desperta essa inneffavel crença
que nos traduz n'um canto ao longe, a Ave Maria.

Cá fóra a natureza toda em festa
desatando-se em graças e carinho
as emanações acres da floresta,
a madresilva, o trevo, o rosmaninho
formando junto delicioso incenso
que ia perder-se alem, no espaço immenso!
os rouxinoes beijando-se em delirio
emboscados na florida azinhaga,
e de mil sons incognitos composta
uma doce harmonia extranha e vaga.

Ali dentro na estancia do martyrio
uma scena funerea.
Um cherubim risonho como um lyrio,
brincando junto ao leito da miseria,
em que uma pobre mãe se debatia.

A meia luz que entrava pela fresta
allumiava o quadro de agonia.
E ninguem mais!... A natureza em festa,
e ao longe os hymnos do expirar do dia.

Ai! pobre mãe! na sua face pallida
que de tormentos meu olhar não leu!
No fundo a morte descarnada, esqualida!
e a mãe chorava sem pensar no céu.

Oh! não, não ha palavras que descrevam
o que eu senti no peito!
—Teu filho será meu! bradei chorando
cahida aos pés do solitario leito.

Respondeu-me um sorriso meigo e brando,
e com gesto ineffavel
a mãe pousou nos meus, seus olhos baços.
. . . . . .
Quando eu sahi da choça miseravel
levava um orphãosinho nos meus braços.

*
* *

Oh! que amargor profundo em certas horas!
Senhor, quaes são teus fins?
tu que fizeste as placidas auroras
tu que fizeste os floridos jardins
e deste á natureza tantos brilhos
e harmonias e luz,
porque nos hombros de teus pobres filhos
foste pregar a despiedosa cruz?

Porque ás vezes, n'um fragil peito de homem
a tua mão derrama
agonias que a vida lhe consomem
como consome os bosques ignea chamma?!

*
* *

Hontem contou-me o cura a negra historia
d'aquella pobre mãe que eu vi morrer.
Martyr, descança em paz na eterna gloria!
Deus perdoou-te, que ha no padecer

medonha expiação dos nossos crimes!
Ai! nos prantos d'uma alma arrependida
que de orações sublimes!

Eras fragil mulher e succumbiste!
d'este mundo enganaram-te as miragens.
Se não tinhas ninguem! flor meiga e triste
açoitada por gelidas aragens.

Levaste aos labios frescos o veneno
em taça de crystal!
perdeu-te o canto voluptuoso e ameno
que as sereias cantavam por teu mal!

E o mundo, esse juiz que só condemna,
pregou-te os frageis membros n'uma cruz!
Assim foi teu destino, ó Magdalena,
mas redemiu-te um justo. Era Jesus.

E tu, mulher perdida e desprezada,
com teus prantos ungiste o Salvador,
e foste sobre a terra perdoada,
porque aos que choram santifica o amor.

*
* *

Eu tenho dó de vós, ó peccadoras,
que eu não sei que anjo mau nos enamora,

e em vós desfolha a flor da mocidade,
e faz pender as nossas frontes louras
da paixão na sacrilega ebriedade!

Ó anjos despenhados d'esse empyrio
que se chama innocencia,
deve ser bem cruel vosso martyrio
quando em vós acordar a consciencia,
inflexivel e austera,
resuscitando os mal extinctos sonhos
da vossa mallograda primavera!

Ó fugazes, ó doidas borboletas,
buscaes a chamma, a chamma que devora,
e deixaes as campinas de violetas
aljofradas das lagrimas da aurora!
«.....

A Esfolhada

Era uma noite de Agosto;
resplendia a lua cheia
nos casaes da minha aldeia,
nas ramagens do meu val.
Das abundantes colheitas
surgira a provida fada;
vinha escutar da esfolhada
o concerto festival.

Ouvi-me, se amaes do campo
a lida, o riso, as cantigas.
N'essa noite as raparigas
cantavam todas assim;
e que languidos requebros!
e que faces tão formosas!
dirieis vermelhas rosas
nos canteiros d'um jardim.

Cantae, cantae moças, não póde haver festa
que dê mais venturas, que a alegre esfolhada.
Vem cedo a velhice, depois nada resta
dos beijos, dos risos, da gloria passada.

Resplende a alegria nas faces morenas:
as filhas do campo não sabem chorar;
colhamos grinaldas de myrtos e açucenas;
cantae, cantae moças, que a vida é cantar!

Sorri-nos na bocca das mães carinhosas
affecto que a vida nos banha em fulgor;
a fonte nos mostra que sômos formosas,
os moços nos juram que morrem de amor.

Despi do seu manto de alvissima tela
o milho, abundancia do pobre casal!
Cantae, cantae moças, que a vida é mais bella
no campo, aos effluvios do ameno rosal.

Os prados tem risos, fadigas e flores;
as messes lourejam da lua ao clarão;
o seio das virgens tem cantos e amores,
e Deus no seu throno tem luz e perdão.

No céu que se aclara desponta a alvorada;
a alegre calhandra começa a cantar;
erguei-vos, ó moças, que é finda a esfolhada
e o almoço nos chama fumando no lar.

Amor de pae

Ai! o amor paternal! Se ha sentimento
que faça o homem acercar-se a Deus,
não é decerto a gloria, esse tormento
que encadeia ao rochedo os Prometheus,
e os consome em desejos impossiveis
do sacro fogo que reluz nos ceus!

Não é o amor, que a saciedade apaga
e um sopro de vaidade faz viver,
perola d'agua, que no seio a vaga
ao louco esconde que a tentar colher.

Rubra flôr d'um vedado paraizo,
que no aroma distilla tal veneno,
que ao seio murcha a fé, á bocca o riso
e nos turva da vida o rio sereno.

Ambos vós em torrentes de amargura
a mente e o coração nos inundaes!
alegria vivaz, que sempre dura
é só na terra concedida aos paes.

Ser pae é ter sempre n'alma
um thesouro de ventura;
é ver viçar uma palma
mesmo ao pé da sepultura;
e com ardente olhar ficto
n'um astro d'ethereo brilho
vel-o, em trance o mais afflicto,
fulgir n'este arido trilho.
É conter n'alma o infinito
murmurando a sós — meu filho!...

1870.

A...

Branco cysne immaculado
vogando em lago de flores,
pomba dos castos amores,
como o teu cantar seduz!
Um dia beijou-te a aurora,
surgindo em roseo horisonte,
a meiga e pallida fronte
com beijos de etherea luz!

Canta a poesia dos ceus
na tua voz namorada!
fadou-te amorosa fada
com seu divino condão;
roubaste á rosa os perfumes,
a candura ás açucenas,
á voz das noites serenas
a saudosa inspiração.

Teu seio exhala em torrentes
carinhosa melodia.
Voz que tanto acaricia
é de Deus immenso dom!
Quem os teus versos escuta,
vê como em grata miragem,
a sorrir ao longe a imagem
d'um viver sereno e bom!

Tu és estrella que brilha
ao nauta mostrando o pólo,
eu sobre ignorado solo
vegeto rasteira flôr!
A mim devora-me a sêde
n'este deserto infinito,
tu tens o signal bemdito
dos archanjos do Senhor.

Eu vacillo a cada passo
e um terrivel magnetismo
arrasta ao fundo do abysmo
sempre o meu avido olhar!
Tu no teu fragil baixel,
solta ás auras branca vela,
nem tens pavor á procella,
nem temes furias do mar!

A ti sorriu-te a Poesia
e aos seus maternaes affagos
teus sonhos inda tão vagos
se arrobaram de aurea luz.

Eu vi-a, mas d'entre chammas!
e em logar de seus carinhos
deu-me por c'roa uns espinhos,
por companheira... uma cruz!

Por isso pairas altiva,
e eu pousei no cemiterio;
por isso ignoto mysterio
te fez rosa e rouxinol!
Eu sou a voz das tristezas,
tu és a esplendida fada;
tu refulgente alvorada,
eu saudoso adeus do sol!
.....
Déste-me um canto de flores
e eu dei-te funebres ais!
Voa e canta, anjo de amores,
que eu pousei nos cyprestaes

1868.

Peccadora

Pobre mulher! Echôa-me
n'est'alma entristecida
da tua voz dorida
a flebil vibração!
Do teu caminho asperrimo
ferem-me as sarças duras
e as tuas amarguras
sinto-as no coração!

Tu eras rosa esplendida
de viço e de perfume,
queimou-te o rubro lume
do desejar sem fim.
Sonhaste no mysterio
das murmurosas selvas,
no doce olor das relvas,
nas galas do jardim.

E hoje o teu riso morbido
traduz quanto supplicio
póde infligir o vicio
a quem renega os ceus!
Chame-te o mundo reproba,
eu chamo-te illudida!
Pobre mulher perdida,
lavem-te os prantos meus.

Chora, mulher! As lagrimas
lavam a dôr e o crime!
benção do ceu sublime
que nos legou Jesus,
são como o orvalho celico
descendo á flor pendida;
trazem aos mortos vida,
trazem ás sombras, luz.

1873.

A um poeta do Brazil

Lá do paiz gentil, das mysticas florestas,
onde a mente se banha em lago d'esplendores,
onde as noites são d'ouro, onde as manhãs são festas
e a terra virginal tem caricias e amores,

soou-me a tua voz, poeta feiticeiro,
como n'um'harpa eolia a aragem que suspira,
e eu inclinei-me a ouvir o teu cantar fagueiro,
e bemdisse de longe a tua eburnea lyra!

Não nasci como tu nas regiões sublimes,
que o sol inunda e beija em fervida paixão,
onde tudo é grandioso, as virtudes e os crimes,
os segredos de morte e da vida a expansão.

Não conheço, mas sonho esses templos profundos
onde se adora a Deus sob arcadas de flores,
e onde em festim gigante o Creador dos mundos
derrama com mão larga ineffaveis primores.

A ardente natureza indomavel, selvagem,
do teu paiz formoso, em sonhos chego a vêr,
e ao fictar um momento a encantada miragem
respiro um ar mais livre e entendo o que é viver!

Na tristeza que envolve esta prosaica Europa
penso do teu Brazil nos tropicaes ardores,
e quizera scismar ás noites sob a copa
das florestas sem fim... oceanos de verdores!

Tu colhes jubiloso a inspiração fremente
dos astros do teu ceu no esplendido irradiar,
nos mysterios da selva alterosa e potente,
no ardor das virações, na immensa voz do mar!

Vem-te beijar os pés a vaga azul que esplende,
toda reflexos d'ouro, ao sol do teu paiz!
Entre essa magestade a Deus tu'alma entende.
Poeta! ergue-te á gloria e canta, e sê feliz!

Canta do teu Brazil a energia indomada,
terra do ardente amor e dos virgens sertões;
novo mundo surgido em manhã bem fadada,
ante o ambicioso olhar dos heroes de Camões!

E eu sob os laranjaes do ameno Portugal,
em horas de saudade hei de scismer em ti
que lançaste de longe olhar tão fraternal
ao vago sonhar meu, que em versos traduzi!

1869.

Mocidade

(A EUGENIA VIZEU)

Oh! não, não ha paraizo
ou musulmano ou christão,
nem magos contos do Oriente,
nem mythos do ceu pagão,
nem brandas estivas noites,
quando brilha a lua cheia,
e quando os ouros da areia
vem branca espuma esmaltar
e uma ignorada sereia
sentimos n'alma a cantar,
que mais luzentes resplendam
dos clarões d'ignota aurora,
que a luz que em jorros colora
da juventude o scismar!

Ó mocidade, ó risonha
fada de meigo condão,
que nos estendes teu braço
e nos deitas no regaço
as bençãos da tua mão!

És tu que passas cantando
entre as rosas do silvedo,
que ensinas mago segredo,
ás brandas auras do ceu!
tu que d'estrellados sonhos
toda a terra nos povôas,
rainha das fadas boas,
envolta em lucido veu!

A França

1871

Esplendida nação, que ha pouco do alto solio
dictava ao mundo as leis que o mundo absorto ouvia,
erguendo como Roma a gloria ao capitolio,
como Athenas c'roando as graças e a poesia.

Que a primeira, a tremer na febre do enthusiasmo,
bradou com sacro fogo á cega humanidade,
que a escutava submersa em somnolento pasmo:
—Quebre-se a escravidão, resurja a liberdade.

Complete-se do Christo a celica doutrina;
deixe de ser um nome a augusta redempção;

sobre a fronte do pobre esplenda a luz divina,
que o martyr do Calvario ao pobre chama irmão!—

E erguendo apaixonada a flammula sublime
aos olhos do universo altiva a desfraldou,
sentindo brotar n'alma a esp'rança que redime,
vendo brilhar no ceu a fé que nos salvou.

A patria dos heroes, a scismadora enorme,
que ao mundo fascinou co'a fulgida epopeia,
vestal que sempre véla, em quanto a terra dorme,
no templo onde se adora a sacrosanta Idéa.

A França, a bella França, a um tempo Esparta e Roma,
enthusiasta pagã das artes e do amor;
ebria de sol, de luxo, ebria do ignoto aroma,
que se exhala subtil dos loireiraes em flôr.

Que logo apoz cingindo a chlamyde guerreira
o seu fogo insuflava a exercitos sem fim,
e fazia tremer de horror a terra inteira
á vibração feroz do estridulo clarim!

Agora, amortalhada em seu lençol funereo,
a dolorosa via a passos lentos sobe,

e vendo ao longe, ao perto, em roda um cemiterio,
pelos seus filhos chama, inconsolavel Niobe.

Calou-se já da gloria a musica festiva,
apagam-se do templo as lampadas e o incenso,
e tu contemplas triste, e silenciosa, e altiva
as biblicas visões do teu passado immenso.

Aqui vês de Marengo a homerica victoria;
além banha-te o sol tão bello de Austerlitz;
o indomavel deserto acclama a tua gloria,
e ás vastidões sem fim os teus prodigios diz.

Mandas ao mundo a lei na voz dos teus canhões
ou lhe entornas no seio os cantos immortaes!
martyr da liberdade, assombras as nações;
bacchante, fazes crer nos sonhos orientaes.

Depois tudo se esvae, as pompas e os festins
e as dantescas visões, e as paginas de Homero!
dos vandalos do norte acordam-te os clarins!
humilha-te, ó sublime, aos pés do velho Nero!

Mas não! resuscita altiva
o teu passado esplendente,

que o mundo absorto e fremente
crava os seus olhos em ti!
E em quanto a velha Allemanha
se mancha em nefandos crimes
resurge as hostes sublimes,
de Jemmape e de Valmy.

Vae, solta o cantico altivo
que deu morte ao despotismo
e rasgou tremendo abysmo
sob as velhas tradições;
levanta-te accesa em furia,
veste a armadura guerreira,
desfralda a tua bandeira,
sê rainha entre as nações!

Repete as magnas estrophes
d'esse canto immorredoiro,
que a historia nas folhas d'oiro
já mais d'uma vez gravou!
E sem perdão, sem piedade,
soltando um grito selvagem,
precipita na voragem
a nação que te humilhou.

Ó casta Liberdade, ó deusa ignota e pura,
teu nome blasphemei, chamei-te vingativa!
e tu, descendo a mim com celica brandura,
disseste-me inclinando a fronte pensativa:

—Basta de morticinio; o sangue de meus filhos
assaz fecunda a terra em borbotões a flux;
a paz é minha irmã, iguaes são nossos trilhos,
inunda-nos a fronte a mesma etherea luz!

E ambas vemos surgindo ao perto, em ceu radioso,
o dia que hade em breve esplendido raiar,
em que os povos soltando o hosanna jubiloso
virão juntos prostrar-se aos pés do nosso altar!

Primavera

(A MARGARIDA STREET LOPES DE MENDONÇA)

Quando tu chegas, rainha
das graças e dos amores,
com teu cortejo de flores
e orchestra de rouxinoes,
estremece a natureza,
abrindo o seio fecundo;
das trevas renasce um mundo
banhado de ethereos soes.

E tu sorris ás creanças
e affagas as frontes loiras,

e as vastas campinas doiras
com divina e casta luz!
e ás almas tristes que passam,
curvadas pelo martyrio,
dos teus vergeis dás um lyrio
que ellas enlaçam na cruz!

Tu és a ideal amante
de quem scisma e de quem sonha!
tu és a nympha risonha
das olympicas ficções!
Sobre o teu leito de rosas
vives ebria de perfumes,
á luz dos sidereos lumes,
ao som das magas canções.

Sob o ardente sol da Grecia
foste deusa, ó primavera!
desceste da azul esphera
para os homens encantar!
Déste uma voz cariciosa
ás aguas, aos arvoredos,
ensinaste á flôr segredos
com que a flôr se faz amar!

Tu que a todos os que soffrem
dás um quinhão do teu riso,

tu sonho d'um paraizo
que o Senhor nos não vedou,
inebria-me de nectar,
oh! deixa que em teu regaço
eu fuja ao estranho cansaço
que a minh'alma avassalou!

Nostalgia do impossivel

(A UM POETA INDIO)

Eu já não sei cantar!... minh'alma é tão sombria,
como um sepulchro enorme onde não entra a luz.
Como elle encerro a morte e sou como elle fria;
tenho tambem como elle, ao perto, sempre a cruz.

Morri sem ter vivido! É sina de quem pensa
e á legendaria esphinge intenta erguer o veu;
porque o Senhor condemna á noite escura e densa
quem só na terra aspira á luz que vem do ceu.

Por isso eu n'esta vida, em vago sonho absorta,
caminho sem colher sequer uma só flor.
Como ao rebelde archanjo, é-me defeza a porta
do eterno paraizo onde só vive o amor.

Porque?... me dirás tu, cantor que tens na mente
o magico esplendor das noites tropicaes,
e bebes sob o ceu do teu luxuoso Oriente
a doce inspiração em vividos caudaes.

Ai! porque me devora a sede do impossivel!
e como a Prometheu seduz-me a etherea flamma
do ideal, que sorri sublime, inaccessivel
ao triste olhar que a vê, á voz que a implora e chama.

Tudo que ao pé de ti perfuma, canta e brilha
não me namora a mim!... Do Oriente eu só quizera
adormecer deitada aos pés da mancenilha
e achar depois nos ceus a eterna primavera.

Como heide eu pois pagar-te as perolas sem preço
que essa inspirada voz derrama sobre mim,
se em vez de me elevar, eu só me abysmo e desço?
se o vento desfolhou tão cedo o meu jardim?

Poeta, não fui eu, quem nos teus sonhos viste
inspirada, feliz, envolta em luz de aurora!
enganas-te; eu não sou mais que uma sombra triste
que olha mas que não vê!... que soffre mas não chora.

Eu sei que a natureza, ao peito caricioso
emballa os filhos seus n'um mago e doce amplexo;

eu sei que um deus divaga entre o arvoredo umbroso,
poisando em cada flor o olympico reflexo!

Quantas vezes envolta em resplendor sidereo
tenho visto ante mim passar branca visão,
mixto de sombra e luz, de encanto e de mysterio,
da estrella vespertina ao pallido clarão!

Mas todo esse esplendor que Deus concede á terra,
todos os astros d'ouro enchendo o vasto ceu,
as grutas de coraes, que o mar no fundo encerra,
o incenso, que o rosal ás nuvens suspendeu...

o vago murmurar da lympha preguiçosa,
que affaga docemente ao monte a verde espalda,
a aerea multidão dos sylphos côr de rosa,
bebendo o doce orvalho em taças de esmeralda,

não podem attrair-me o olhar que vaga absorto
em mundos de aurea luz, que eu tenho em sonhos visto,
nem podem levantar-me o coração já morto,
como a Lazaro ergueu, potente a voz do Christo.

Ai! perdoa-me tu!... ess'alma que é tão grande
hade vibrar á voz da minha extranha dor,

que a palavra não diz, que em prantos não se expande,
mas que entendes decerto, ó meigo scismador!

E á noite quando beija o vento do deserto,
com fremito lascivo a flor dos palmeiraes,
rouba um divino harpejo ao celestial concerto
e manda-m'o de longe em troca dos meus ais.

1871.

Quadro simples

(A MINHA PRIMA ALINE DE GUSMÃO)

O castello da aldeia era formoso,
velho sim, mas fidalgo e magestoso.

Negras paredes cobertas
de opulento manto d'hera,
vigoroso, amplo, folhudo,
e ao qual dava a primavera
novo lustre cada vez.

Entre as fendas da muralha
listras de rico velludo,
que alli brotaram talvez

— innocente garridice —
para dar luxo ás ruinas
e viço á gasta velhice.

Riquezas não n'as havia
mais que as riquezas de Deus:
prata nas aguas da fonte,
rubis nas nuvens dos ceus!
Sol, thesouro de alegria,
em que os pobres tem quinhão,
e concertos de harmonia,
e as auras da solidão.

E do telhado á beirinha
debruçava-se a andorinha
por madrugadas de abril,
e ali contava uns segredos...
segredos de amor felíz,
que a mocidade adivinha,
que ella sabe, mas não diz.

Havia festa ali, famosa festa
consagrada á Senhora das Mercês
na ermida do castello.
Vem commigo, anjo meu, que é grande e é bello
o quadro agreste que ante os olhos vês.

Um dia de arraial! nem vós sonhaes
o que isto quer dizer! Sois da cidade
a que não faltam luzes nem crystaes,
nem luxuosos saraus, nem doidas festas;
mas falta o riso franco e a mocidade
que ás vezes doira um rosto ennegrecido!

A escamiza ao luar, e as longas sestas
dormidas sob um toldo bem florido,
o jantar sobre a relva, a alegre ceia
em que á luz que ora brilha ora esmorece
da enfumada candeia,
em quanto a mãe reparte o negro pão,
o pae diz em voz grave a humilde prece
ao rancho loiro, alegre e pequenino
de rosto muito attento e olhos no chão!

O dia do arraial é o grande dia
de quem vive na aldeia;
é sonho, aspiração, ficto e alegria
das doidas e formosas raparigas,
desejo que as assalta e as incendeia,
todo enflorado em danças e cantigas.

Despovoam-se em torno o valle e os montes;
ficam sós as choupanas e os casaes.
Nem um pezar nas requeimadas frontes,
tudo é prazer, delirio, auras vitaes!

Apoz um, outro bando enche as estradas;
vinde ver-lhes do trajo as varias côres!
Saias azues, roupinhas encarnadas,
aventaes brancos, lenços de mil flores,
e arrecadas, e contas, e cordões
com que se enfeitam seios palpitantes,
por que batem singelos corações!

Cada bando traz na frente
a piedosa *fogaceira*,
orgulhosa do seu cargo,
tão risonha e tão fagueira!

Veste os luxos mais vistosos
que a mãe lhe poude comprar;
seguem-na olhos invejosos,
segue-a muito ardente olhar!
e ella airosa e requebrada
aos sons de agreste harmonia
vae depôr a humilde off'renda
aos pés da Virgem Maria,
que entre rosmaninho e rosas
sorri no rustico altar.

E tudo em torno á porfia
canta, ri, dança e vozeia;
é toda jubilo a aldeia,
todo festa o pobre lar!

A missa já findou
e a porta da capella inda está franca,
para que possam vir fieis romeiros
adorar a Senhora.

Por dentro a capellinha é toda branca,
mas rescende a mil cheiros;
enfeitam-na festões de varias flores,
e o sol que entr na fresta a beija e a doura!

Da quinta nas umbrosas alamedas,
frescas e perfumadas,
giram grupos diversos,
ouvem-se vozes ledas,
e requebros de amor, finezas, versos,
chascos que não tem fel, cantos, risadas.

Em cada rosto ingenuo e morenito
brilham dois olhos de incendido lume;
em cada peito ha jubilo infinito,
de cada flor se esvae brando perfume.

Da capellinha no adro
arma-se em roda uma vistosa dança;
o sol em jorros illumina o quadro,
doira os trigaes e a todos diz esp'rança!

Duas gentis e esbeltas raparigas
cantam ao desafio. Ouve as cantigas!

«Eu quero viver cantando,
que para cantar nasci;
vi-me no espelho das aguas
achei-me bella e sorri!»

«Vives alegre e sósinha,
eu de penas me alimento;
nunca se enxugam meus olhos,
nem tem cura o meu tormento!»

«Quem tem penas e as disfarça,
bem leves as penas são!
Não ha cousa mais teimosa
que as maguas do coração.»

«Na fonte que sempre chora
muitas vezes brinca o sol;
quasi a morrer de saudades
inda canta o rouxinol.»

«Moça esquece os teus amores,
que amor um sopro o desfaz;
quando elle entra por um lado,
por outro nos foge a paz!»

«Hão de sumir-se as estrellas,
e fazer-se negro o ceu
antes que fuja a minh'alma
á sina que Deus lhe deu.»

«Muito bem faz quem não quer
provar o gosto aos amores;
inda é mais livre que as aves
que nem teme os caçadores.»

«Eu quero muito ao martyrio
que a minha vida consume,
sou peor que a borboleta
que se vae queimar no lume.»

«Rapariga que amor tão forte é esse
que assim te faz andar de angustia cheia?»

Curva-se em roda a multidão campestre
ante o fidalgo da festiva aldeia.

Oh! que vulto suave e magestoso e bello
era o velho senhor do arruinado castello!

Prateavam-lhe as cãs a alva fronte senil
dando uns tons de brandura ao todo varonil.

Tinha o profundo olhar do guerreiro que pensa
cimentada união de força e luz immensa.

Era risonho e grave, era pueril e austero;
já o entrevira a mente em paginas de Homero

e o vira n'esse rei que á branda luz do idyllio
idealisou na lyra o scismador Virgilio.

Os pobres aldeões amavam n'elle um pai,
e era-o! mal soava o triste som d'um ai

ei-lo presto acudindo ás vozes da indigencia,
consolador bemdito e viva providencia!

Depois tinha inflexões aquella voz suave,
quando elle a erguia austero, ou carinhoso ou grave,

que fazia arder n'alma um culto involuntario,
que se lhe estava ao pé como n'um sanctuario.

Ampara a filha innocente
com meiga sollicitude
do velho o tremulo passo.

A sua infantil meiguice
une em purissimo abraço
as rosas da juventude
aos cyprestes da velhice.

Ella é delgada e morena,
meigo sorrir pensativo,
testa larga, mão pequena,
olhar carinhoso e vivo,
e esse rubor indiscreto
nas faces a resumbrar,
que no seu ardor secreto
diz segredos de matar.

E nos labios purpurinos
oh! quantas graças tambem,
ou revelando a ternura,
que dentro em su'alma ardia,
ou quando soberba e fria
os contrae como em desdem.

Pelos seus hombros divinos
morrera o grego esculptor,
que á filha das ondas gregas
deu fórma com tanto amor.
E se Murillo a avistára,

Murillo o audaz sonhador
do fervente mysticismo,
ao pantheon do christianismo
mais uma Virgem pintára!

É porque do rosto d'ella
a celeste exaltação
tinha um não sei quê d'ethereo:
era o condão do mysterio
que fascina o coração.

E ambos pararam sorrindo
junto á triste cantadeira
que em cantigas se carpia.

«Vamos, formosa trigueira,
não me respondes e coras!
que prantos são que tu choras?
conta-me a tua agonia,
e eu porei termo ao teu mal,
se o teu mal póde ter cura,
pobre avesinha do val'
que pranteias na espessura.»

A viva côr do carmim
tingira as faces morenas
da singela enamorada.

«—Ora se viram já mulher assim!
manda-lhe Deus remedio ás suas penas
e fica envergonhada,
como se fôra um crime ser a gente
pobrinha e desgraçada!»

Isto dizia á moça cantadeira
animadora e meiga a companheira.

Depois virou-se ousada
para o velho fidalgo e assim fallou:

«—Eu vos conto, senhor. Eu cá não sou
senão só de dizer o que é verdade.
A Luzia, hade já fazer seis mezes,
na festa de S. Braz,
travou-se de amizade
com o José da Antonia.
Bom rapaz,
leal, trabalhador, lá isso é elle
como poucos o são.

O pae é muito rico e a modo *aquelle*
tem muita *opinião*,

e só quer elle mesmo escolher nora
que seja tambem rica.
A pobre da Luzia amofina-se e chora
e não tem cura o mal que a mortifica.

«—E elles querem-se muito? em voz divina
pergunta a gentil filha do castello.

«—Querem-se muito, querem, sim, menina,
nunca se viu na terra amor tão forte.
A Luzia não tem nem pae nem mãe;
vêde que triste sorte
é viver n'este mundo sem ninguem
que nos queira e nos doa!
Não ha cousa peor do que a orphandade!
A mãe que nos deu leite de seus peitos
por muito má que seja, é sempre boa.—»

«—Dizes bem, Mariquita; a mocidade
precisa de affeição;
o amor tem sobre nós sacros direitos;
ai! nada ha mais cruel que a solidão!

Agora vem tu cá, minha Luzia,
hoje é dia de festa,
e cabe-te um quinhão n'esta alegria.

Quero ver no teu rosto pensativo
o riso a despontar;
hoje termina o teu cruel tormento.

O teu noivo ámanhã vae-me fallar
e o pae tambem; eu faço o casamento
e dar-te-hei, se a virtude lhe não basta,
um dote a seu sabor.
A Providencia é mãe, nunca é madrasta;
sempre ha doçura mesmo em seu rigor.—»

—«Pae, murmurou a timida creança,
tendes feito no mundo tanto bem,
cedei-me pois da vossa vida est'hora.
Graças a vós sou rica e posso agora
repartir do que é meu com quem não tem.

Deixae que seja a mim que a pobresinha
deva a ventura que ambiciona tanto!»

E a voz soava tremula e baixinha
e em seus morbidos olhos treme o pranto.

O velho ficou mudo;
interna commoção o avassallava,
e em torno o povo ria e soluçava,
que o povo sabe achar o bello em tudo!

1871.

TAYLOR INSTITUTION
UNIVERSITY
31 MAR 1960
OF OXFORD
LIBRARY

A andorinha

(Á VISCONDESSA DE CASTILHO)

Impressões d'uma poesia de Gautier

D'onde partiste, andorinha,
minha alada forasteira,
que á terra da larangeira
vens pedir luz e calor?
D'este clima abençoado,
chamou-te ao longe o carinho?
terás sol sobre o teu ninho,
e lá dentro muito amor!

Aqui onde a primavera,
se enfeita de roseo manto;
onde das aves o canto
verte harmonias sem par;

onde á noite se estrelleja
e palpita o céu profundo,
e aureas visões de além-mundo,
brincam nas ondas do mar;

aqui onde em cada flôr,
treme vivo e scintillante
um prismaticó diamante,
que a aurora chorou dos ceus;
onde tudo se illumina
de mil ignotos fulgores;
onde pullulam amores,
sob o amante olhar de Deus;

onde exhala acres effluvios
a rama dos loureiraes,
e se une á flor dos myrtaes
da vinha o verde festão;
aqui não terás saudades
n'este ceu que a luz esmalta,
nem dos terraços de Malta
nem das brisas de Ceylão.

Vens talvez da velha Athenas,
onde em ruinas marmoreas
viste esculpidas historias,
que não sabes decifrar?

deixaste acaso o teu ninho
entre os mysterios do Egypto,
e a uma esphinge de granito,
pediste para o guardar?

Viste os brancos minaretes?
viste as cupulas redondas?
e as verdes profundas ondas,
e os floridos arrosaes?

Conta-me as tuas viagens,
filha da luz e da aurora
que vens descançar agora
á sombra dos laranjaes!

1872.

Ciume

Ciume! és ignea serpente
que em nosso peito se enrosca
e nos prende e magnetisa
de seus olhos co'a luz fosca!
que o seu veneno pestifero
infiltra ao sangue abrazado
n'uma demencia infernal!

Tens uivos de condemnado,
tens risos que fazem mal!

Ciume! juntou o inferno
todas as plantas damnosas,
que nascem no peito humano,
sem que as veja o olhar do Eterno,

e ao côro d'um riso insano,
dos seus demonios aos gritos,
dos seus brazeiros ao lume,
compoz dos succos malditos,
filtro horrivel
O ciume!

1870.

Os velhos

Este tempo é cruel. Não sei que monstro informe,
paira soltando no ar o seu bramido enorme,
e c'o seu bafo impuro offusca os puros ceus
e derruba do altar o Amor... que já foi Deus!

Ouve-se agora ao longe um lugubre lamento,
que aos povos annuncia atroz desabamento,
de quanto amaram mais, e a quanto ergueram templos,
onde iam buscar luz, incitamento e exemplos!

E a mocidade ri com riso herege e audaz
o riso que á descrença inspira Satanaz!

Quando Roma, perdida em torpe bacchanal,
descuidosa deixava o manto imperial
rojar por sobre a lama a purpura opulenta,
e voltava ao prazer ebria, louca e sedenta,
tambem a terra ouviu triste o fatal gemido,
e o ceu se ennegreceu, e o mundo foi sumido
de tristeza e de horror n'um infernal abysmo
onde em trevas soltou o extremo paroxismo!

E em quanto elle, inda ousado em seu furor supremo,
manda aos desertos ceus impio grito blasphemo,
resplendia do Oriente uma ignorada aurora
de crenças e de amor divina percursora;
aos templos do impudor succede o sanctuario;
á vil comedia humana o drama do Calvario;
e co' o sangue de um Deus por divinal baptismo
renasce a humanidade ao sol do christianismo.

E a casta virgindade, a Diva de aurea coma,
que exhala no sorrir um delicioso aroma
de pureza e de fé, teve cultos e altar,
e acolheu a piedade os tristes que a chorar
levavam a seus pés uma pezada cruz,
e o pobre teve um pae, que se chamou Jesus.

Então era a velhice augusta realeza,
ineffavel união de paz e de grandeza,
mais sagrado era então que tudo que hoje existe,
a c'rôa de alvas cans em fronte meiga e triste.

E que importa que o mundo em delirar funesto
caminhe a rir de quanto é puro e grande e honesto?

Eu quero fazer d'alma um templo solitario,
co'a esp'rança por altar e o amor por lampadario!
e quero amar o bem, o bem que nos consola,
que desce ao coração, doce e divina esmola,
que o revigora e alenta, e beija e refrigera
como o orvalho dos ceus á flor da primavera.

Depois ao vêr um velho a namorar o abysmo
da campa que o attrae com vivo magnetismo,
e parece dizer-lhe o poema sobrehumano
que diz a voz da noite e diz a voz do Oceano,
quero-lhe ir perguntar mysterios do futuro,
inclinar-me com elle ao pégo fundo e escuro,
e sentir na minha alma entristecida e forte
a austera sensação que imprime o olhar da Morte.

1871.

A Thomaz Ribeiro

Poeta, estavas triste! eu lia-o n'esse olhar
tão meigo e tão profundo, e fiquei-me a scismar!

Tu que passas colhendo a viridente palma
que nos jardins da gloria o genio só colheu,
tu que és aguia dos céus, tu que és grande e tens n'alma
a scentelha immortal que um Deus lá te accendeu!

Tu, sonhador sublime, archanjo da harmonia,
que roubaste ao nascer a musica ás esferas,
que reflectes no olhar a infinita poesia,
que tens dentro do seio as roseas primaveras.

Tu, cantor immortal em cuja lyra etherea
há soluços, ha riso, ha vibrações de amor,
que ora te ergues altivo á vastidão siderea,
ora buscas do abysmo o ignoto, o immenso horror!

E ouves da inspiração no mystico transpórte
segredos que o Senhor aos seus eleitos diz;
que és sereno e que és bom, que és indulgente e és forte,
e amando o bello assim devias ser feliz!

Porque deixas pender a fronte illuminada
pelo aureo resplendor da sacra inspiração;
e não fictas ousado a celeste alvorada
e não vês do horisonte o ineffavel clarão?

Tu que um dia no altar do teu paiz dilecto
foste depôr devoto a immorredoura offrenda,
hoje queres partir... e nem te prende o affecto
que outr'ora lhe sagraste?! Ingratidão tremenda!

Hoje queres partir, qual o antigo Asshavero,
partir sem norte, oh Deus! partir sem ter um guia
sem que jámais se enflore o teu pensar austero,
sem que jámais o céu ao teu sonhar se ria!

Pois tu descrês do bem? pois tu descrês da gloria?
e antevês no futuro, ó pallido propheta,

em vez d'esse esplendor que hade assombrar a historia,
luctar sem ter motivo, aspirar sem ter meta?

Não, poeta, é mentira, os reis do pensamento
podem sim vacillar, mas não podem cair!
A duvida é fraqueza, oh! deixa esse tormento
aos que não viram nunca o sol a refulgir

e a banhar d'ignea luz o seu caminho obscuro,
e a aquecer fecundando as flores aos cardumes;
aos que não sabem ler nas folhas do futuro,
e a quem nega a poesia os cantos e os perfumes.

Não te deixes vencer do infecundo lethargo
que hoje nos paralysa os alentos e a fé.
Ergue os vôos ao céu! lança os olhos ao largo
e a serpe da descrença esmaga-a com o teu pé.

Deixa que a tua voz sublime e cariciosa
em jorros sobre nós derrame a inspiração!
Eleva os corações na esp'rança mysteriosa
d'essa luz que ha de vir dourar a escuridão.

Porque hoje a humanidade inquieta e palpitante
interroga ambiciosa os arcanos do céu,
porque a luz que sonhaste inda lá vem distante
porque escutas ao perto o bramir do escarceu,

não deves tu jazer emmudecido e triste,
não deves renegar os idolos d'outr'ora!
Curva-te á grande Lei qne abraça quanto existe,
não descreias, poeta!... eu vejo ao longe a aurora.

1870.

Jubilos

(A ANNA MARIA RIBEIRO DE SÁ)

Sim, sois bom, sois pae, sois grande
sim, meu Deus, é bella a vida,
repete-o a planta florida,
cantam-n'o as ondas do mar!
Dil-o a fera em seus rugidos,
em brando murmurio os ninhos,
e das auras nos carinhos
vem-me esta idéa afagar!

Á noite, quando na terra
o homem repousa e dorme,
no augusto silencio enorme
da profunda solidão,

escutam-se uns sons confusos,
notas do concerto immenso
subindo aos céus como o incenso
d'este altar da creação.

E ninguem no mundo entende
esse canto, esses lamentos,
esses avulsos fragmentos
d'uma sublime harmonia!
Voz composta de mil vozes
divinas, mysteriosas;
doce fremito das rosas,
sibillar da ventania,

confidencias que as balseiras
segredam á lua cheia,
meigo cantar de sereia
que verte filtros de amor!
e bater d'azas dos sylphos
que se escondem na folhagem,
lubricos beijos que a aragem
vae levar de flor a flor!

e elegias que suspiram
do bosque as ramas virentes,
e esses lyrismos plangentes
que soluça ao longe o mar!

Voz d'amor em que se fundem
as alegrias e as maguas!
voz que é da terra e das aguas!
voz com que Deus quer fallar!

Que vezes eu velo então,
perdida em sonhos gigantes,
lendo as cifras de diamantes
que a noite escreve no céu,
interrogando os phantasmas
que o luar nas sombras finge,
implorando á eterna esphinge
o eterno segredo seu!

E n'essas noites fecundas
em pura e vivaz poesia
senti cantos de alegria
por céus e terra pairar
e o concerto immenso exclama:
Sim, meu Deus, é bella a vida,
repete-o a planta florida,
cantam-n'o as ondas do mar!

1869.

Deus te abençôe

(NO ALBUM DE MINHA PRIMA A. DE G.)

Improviso

Quando os teus anjos sorriem
n'esse alvo seio de mãe,
lembram-me as loiras madonas
do casto pincel de Holbein.

e penso que a minha vida
é bem triste ao pé da tua.
Tu és roseira florida
eu rocha escalvada e nua!

Colheste dois pômos d'oiro,
n'um Eden banhado em luz,

onde o mal não tem raizes,
e onde a serpe não seduz.

E eu do meu caminho escuro
ergo a ti meu triste olhar
visionaria do futuro
que busca... mas sem achar!

Quando os meus olhos se espraiam
na amplidão que não tem fim,
não queiras sondar, creança,
tristezas que eu sinto em mim!

Mas quando te olho sorrindo
sabes o que esse olhar diz?
Deus te abençôe, anjo lindo!
Deus te abençôe, mãe feliz!

1871.

O campo

(A HELOISE DE ALMEIDA E ALBUQUERQUE)

Tenho a loucura do campo!
não sei dizer-te porque,
nem que eternas maravilhas
no campo a minha alma vê.

Será que os prados tem rosas,
e que as balsas tem segredos?
que inda ha dryades formosas
nos troncos dos arvoredos,
como nas eras pagãs?
será que os bosques tem lyras,
que vibram d'entre a ramagem
d'abril nas floreas manhãs?
que tem canticos a aragem,
e a terra galas louçãs?

Será! É de certo... Eu sinto
no campo em vivas torrentes
inundar-me a inspiração!
Converso co'as andorinhas,
corro atraz das borboletas,
embriagam-me as violetas,
scismo da lua ao clarão.

Nos doirados botõesinhos,
com que a relva se estrelleja,
que feitiços que não leio!
Não ha nos musgosos ninhos
um segredo que eu não veja;
conhecem-me os passarinhos!
espreito-lhe os seus carinhos
e não tem de mim receio.

Vivo entre o extase e o sonho!
gosto do céu, das estrellas;
das noites quando são bellas,
do dia quando é risonho.

Gosto da relva florida,
do cheiro agreste do monte!
Sou como a abelha atrevida
que a toda a flor suga a essencia.
Fico-me horas, esquecida,
ás tristes aguas da fonte

a escutar o brando choro
e a mirar a transparencia,
onde o laranjal retrata
os seus fructos que são d'ouro
e a sua flor que é de prata!

Não me chames visionaria!
deixa-me este meu scismar;
quem vive assim solitaria
sabe com Deus conversar.

1870.

Melancholia nocturna

Era noite; os astros fulgidos
brilhavam no firmamento;
pelas ramadas o vento
passava a gemer de amor.
Havia murmurios languidos
na relva olorosa inquieta,
onde se esconde a violeta,
a esquiva, a modesta flor.

Exhalavam clarões rapidos
pela vastidão dos campos
os errantes pyrilampos,
estrellas que a terra tem;

e não sei que aromas callidos,
não sei que doce tristeza,
ao seio da natureza
eu fôra colher tambem.

Vinham lá da festa os canticos,
os murmurios, a harmonia,
doces echos de alegria
ao nosso ouvido expirar;
era nos fastos bucolicos
o dia da immensa gloria;
era uma idyllica historia
contada á luz do luar.

Mais perto do templo rustico,
erguiam-se ao espaço immenso,
como espiraes de alvo incenso,
as preces d'um cherubim,
que prostrado, amante, extatico,
nas brumas do sanctuario
ao Redemptor do Calvario
orava... talvez por mim!

Do myrtal amplo e balsamico
a folhagem recortada
estremecia agitada
aos beijos de auras do sul,

e os arabescos phantasticos,
trabalho do immenso artista,
desenhava á nossa vista
do espaço na tela azul.

E a lua, a vestal tão candida,
que sempre nó templo vela,
a sua luz casta e bella
espargia na amplidão,
aqui sobre as aguas trepidas
retratando a branca imagem,
além doirando a paisagem,
ou beijando a flor no chão.

Ó noite quantos mysterios
ás almas tu não revelas!
Doce voz das noites bellas
quem vos não sabe entender,
não prova o nectar olympico,
a delicada tristeza,
que aos seios da Natureza
os seus filhos vão beber!

Ao ouvir-te

E primavera esplendida estendia
por sobre o campo o seu lençol de flores
e um canto vago e doce aos céus subia
de harmonias, de aromas, de fulgores!

Era noite! uma noite de tristeza
em que a mente namora embevecida
umas visões de pallida belleza,
que lhe relembram sonhos d'outra vida.

Eu scismava á janella a ver na sombra
do luar o phantastico lavor,
bordados d'ouro em perfumada alfombra,
imagens leves de indeciso alvor.

Não sei que vagos filtros de saudade
n'essa noite desciam sobre mim;
e eu murmurava: «Ó loira mocidade,
nem um lyrio me dás do teu jardim?

Nunca á morbida luz de tantos astros
has de ver-me com languido carinho
seguir co'a vista os luminosos rastros
que outro olhar fôr deixando em meu caminho?

Não correrei jámais por esses campos,
solto o cabello á voluptuosa aragem,
entre a relva buscando os pyrilampos,
nas fontes namorando a minha imagem?

Confiando do céu ás nuvens d'oiro
do meu sonho as delicias immortaes,
tendo n'alma riquezas d'um thesoiro,
jorros de luz, concertos festivaes!

Ai! sempre, sempre quando a vida abranjo
hei de achar desconforto e solidão!
sou condemnada como o bello archanjo
que Deus baniu da celica mansão?»

E a noite a distillar os seus languores;
e a seiva do arvoredo a estremecer;

e os ninhos revelando um céu de amores,
e a vida a palpitar em cada ser!

Foi n'ess'hora de sonhos dolorosos,
foi n'ess'hora de calidos desejos,
que sobre mim desceram cariciosos
da tua lyra os languidos harpejos.

Hoje... meu Deus!... hoje a existencia é bella!
canta um hymno de graças cada aurora!
vem-me filtros de amor de cada estrella,
e é de ventura que a minh'alma chora!

1874.

Naly

Meu doce raio de lua!
Ó branca nuvem de argento,
que passa no firmamento,
como um cysne em lago azul!
Anjo ante o qual a descrença
vencida, supplica e chora,
flôr dos paizes da aurora;
ave dos climas do sul!

Como és linda! Eu não conheço
na terra ninguem mais lindo;
quando pasmada, sorrindo,
fictas as vistas em mim,

e pareces perguntar-me
na tua lingua indistincta,
porque em meus olhos se pinta
um doido enlevo sem fim!

Tens a ideal formosura
dos anjos raphaelescos!
lembram teus labios tão frescos
da romeira a rubra flor.
Teus olhos meigos, fulgentes,
da côr do azul infinito,
dera-os em seu aureo mytho
A Grecia ao risonho Amor!

Dize, porque te amo eu tanto
ó branca flor das ruinas?
Tens umas graças divinas
que outras creanças não tem.
E eu ante esse casto assombro
de innocencia e de belleza,
sinto jubilo e tristeza,
sinto invejas de tua mãe!

Ás vezes quando á minha alma
desce uma tristeza immensa,
neblina funerea e densa
que esconde a face do sol,

a tua voz argentina
tu junto de mim desatas,
como as limpidas volatas
solta á noite o rouxinol.

Creança, que as fadas boas
se acerquem do teu bercinho,
que Deus afôfe o teu ninho
com sua mão paternal;
o Deus que jámais expulsa
do seio as tremulas Evas,
o que é luzeiro nas trevas,
e abrigo no vendaval.

Crescerás formosa e casta,
guardando, ó lyrio divino,
no calix alabastrino
o doce amor de teus paes,
e ungirás de santos balsamos
impeccavel Magdalena
uns pés que o Senhor condemna
a pizar duros sarçaes.

Mas em quanto és pequenina,
irmã das aureas abelhas,
poisa nas rosas vermelhas,
bebe o nectar, bebe a luz!

Envolvam-me esses teus risos
como um rosario d'esp'ranças,
que eu amo as loiras creanças,
como as amava Jesus.

1875.

O Romantismo

(A MEU MARIDO)

Elle era esbelto, pallido, franzino,
como um poeta que vive ao pé das nuvens!
Tinha o culto ideal que teve o Urbino,
tinha a paleta lubrica de Rubens!

Tinha o exagero, o vermelhão, a *pose*,
mas tambem tinha as commoções febris!
Dava os sonhos crueis d'uma nevrose,
dava as visões extaticas do *haschis*.

Era D. João, o insaciavel sonho;
era Falstaff o homerico cynismo,
e Fausto o enorme scismador medonho
nas vertigens satanicas do abysmo.

Era Frollo o sacrilego levita
nas naves da marmorea cathedral,
lendo os poemas da duvida infinita
á mysteriosa luz que vem do Mal.

Era René nas sombras da floresta
e Jocelyn nas grutas da montanha;
era Ruy Blas, alma potente e honesta
cedendo ao jugo de loucura estranha!

Abria ás almas, o ideal que as nutre;
fazia-as soluçar, sorrir, tremer,
ou fosse Othelo, o ciume feito abutre,
ou fosse Haydéa, a flor feita mulher!

Pelas serenas noites mysteriosas,
quando a lua embranquece as solidões,
e o rouxinol no calice das rosas
entorna as suas languidas canções,

co'a doçura de pallida madona.
ungia uma visão suave e fresca;
era o amoroso lyrio de Verona,
era a ideal figura da Francesca!

Era Ophelia deitando na corrente,
folha por folha, a candida grinalda,

e phantasiosa, esplendida, inconsciente
a apparição divina da Esmeralda!

E quantas mais!... Sublimes creaturas
que a poesia inundava de fulgores,
que choravam as languidas ternuras,
que accendiam os fervidos amores!

Ó doces, melancolicas creanças,
ideaes da scismadora mocidade,
como uma flor ennastrada em loiras tranças
—se ides morrer—levae-me esta saudade!

Eu sei que a vossa fina mão nervosa
tinha talvez caricias dissolventes,
que vertieis a insomnia tormentosa
dos vossos olhos humidos, ardentes.

Que ao sopro vosso, ó pallidas imagens,
surgiam dentro em nosso coração
o infindo anceio, as turbidas voragens,
as florescencias rubras da paixão!

Mas á gangrena, ás febres, ao marasmo
prefiro os doces sonhos que desvairam!

o amor, embora hysterico, ao sarcasmo
e á voz de Baudelaire, a voz de Byron!
.....
Se hoje eu pergunto ao mundo—que tens tu
que nos compense este apagado brilho?—
respondem-me as comedias de Sardou,
e os dramas sensuaes de Dumas filho!

1875.

FIM

INDICE

Pag.
Carta-Prologo do sr. conselheiro Latino Coelho..... v
A minha irmã Maria do Carmo Vaz de Carvalho..... XIII

PRIMEIRA PARTE

O sonho e a realidade

POEMETO

I O baile..... 17
II Á sombra do jasmineiro..... 25
III El salice..... 33
IV Tentação..... 35
V A Voz do abysmo..... 45
VI Redempção..... 55

SEGUNDA PARTE

Boninas

Confidencias (a minha mãe)..... 61
A esfolhada..... 67
Amor de pae..... 69

Pag.
A... 71
Peccadora..... 75
A um poeta do Brazil..... 77
Mocidade (a Eugenia Vizeu)..... 81
A França 1871..... 83
Primavera (a Margarida Street Lopes de Mendonça)..... 89
Nostalgia do impossivel (a um poeta indio)..... 93
Quadro simples (a minha prima Aline de Gusmão)..... 97
A andorinha (á viscondessa de Castilho) impressões d'uma poesia de Gautier..... 111
Ciume..... 115
Os velhos..... 117
A Thomaz Ribeiro..... 121
Jubilos (a Anna Maria Ribeiro de Sá)..... 125
Deus te abençôe (no album de minha prima A. de G.) improviso..... 129
O campo (a Heloise de Almeida e Albuquerque)..... 131
Melancholia nocturna..... 135
Ao ouvir-te..... 139
Naly..... 143
O romantismo (a meu marido)..... 147

ERRATAS

Pag.	Verso	Erros		Emendas
40	16	onde se lê *fronte*	leia-se	*frente*
48	6	» *feitiços poderosos*	»	*feitiço poderoso*
48	22	» *e ainda*	»	*e inda*
50	16	» *lhe lê o olhar*	»	*lhe lê do olhar*
68	7	» *myrthos*	»	*myrtho*

59603399

716